



# TRANSFERÊNCIA EXTERNA FACULTATIVA E APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

PROCESSO SELETIVO  
**2024**

17/09/2023

## CADERNO DE PROVA

Neste caderno, você encontrará um conjunto de dezesseis páginas numeradas sequencialmente, contendo vinte questões objetivas de leitura em Língua Portuguesa.

**Não abra o caderno antes de receber autorização.**

## INSTRUÇÕES

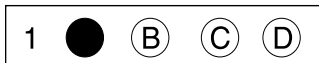
### 1. CARTÃO DE RESPOSTAS

Verifique se as seguintes informações estão corretas: nome, número do CPF, número do documento de identidade, data de nascimento e número de inscrição.

**Se houver erro, notifique o fiscal.**

Nada deve ser escrito ou registrado no cartão, além de sua assinatura, da transcrição da frase e da marcação das respostas. Para isso, use apenas caneta de corpo transparente, azul ou preta.

Após ler as questões e escolher a alternativa que melhor responde a cada uma delas, cubra totalmente o espaço que corresponde à letra a ser assinalada, conforme o exemplo abaixo.



As respostas em que houver falta de nitidez ou marcação de mais de uma letra não serão registradas.

O cartão não pode ser dobrado, amassado, rasurado ou manchado.

### 2. CADERNO DE QUESTÕES OBJETIVAS

Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

**Caso observe qualquer erro, notifique o fiscal.**

As questões gerais são as de números 01 a 10; as específicas, as de 11 a 20.

## INFORMAÇÕES GERAIS

O tempo disponível para fazer a prova é de três horas. Nada mais poderá ser registrado após o término desse prazo.

Ao terminar a prova, entregue ao fiscal este caderno e o Cartão de Respostas.

Nas salas de prova, os candidatos não poderão usar qualquer tipo de relógio, óculos escuros e boné, nem portar arma de fogo, fumar e utilizar corretores ortográficos e borrachas.

Será eliminado do processo seletivo de Transferência Externa Facultativa e Aproveitamento de Estudos 2024 o candidato que, durante a prova, utilizar qualquer meio de obtenção de informações, eletrônico ou não.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

Boa prova!



# PARTE 1 | QUESTÕES GERAIS

## **The last of us e o risco de uma epidemia de fungos**

*The last of us* é uma franquia de jogos eletrônicos de ação e aventura lançada para a plataforma PlayStation em 2013. O jogo se tornou um fenômeno devido à sua história envolvente, aos seus personagens complexos, ao belíssimo e assustador cenário pós-apocalíptico e à sua forma de jogar desafiadora.

- 5 Recentemente, a plataforma de *streaming* HBO Max lançou a série homônima *The last of us*. A história nos apresenta um fungo capaz de infectar pessoas e deixá-las perigosamente agressivas. A descoberta tardia desse fungo permitiu que ele fosse exportado para o mundo todo por meio da farinha de trigo e produtos derivados. No chamado "dia do surto", a infecção se tornou mundial e incontrolável. O Exército recebeu ordens para matar quaisquer pessoas
- 10 que fossem suspeitas de estar infectadas.

- A morte de tantas pessoas levou à queda das instituições. Uma das poucas que restaram foi a Fedra (Agência Federal de Resposta a Desastres). Com o tempo, foram criadas zonas de quarentena para manter a população saudável isolada e tentar manter uma ordem social. A série acompanha a jornada de dois sobreviventes: Joel, um carpinteiro que se tornou um
- 15 contrabandista, e Ellie, uma garota que, por razões misteriosas, é imune à infecção.

O fungo causador desse apocalipse, chamado Cordyceps, é inspirado em um fungo real, do gênero *Ophiocordyceps*, que parasita formigas. Diante das explicações científicas trazidas pelo jogo e pela série, muitas pessoas passaram a expressar seus medos a respeito das chances de acontecer algo parecido no mundo real.

- 20 Será que o risco de vivenciarmos uma pandemia fúngica (e um apocalipse zumbi) é real?

### **O que são fungos?**

Fungos são seres vivos peculiares, diferentes de outros com os quais estamos mais habituados, como plantas, animais e bactérias. Eles geralmente são formados por uma rede de filamentos muito finos chamados de hifas, normalmente visíveis apenas por microscópio.

- 25 Essas hifas se ramificam em várias direções, formando uma enorme rede, que recebe o nome de micélio. Os fungos podem ser pequenos e impossíveis de serem observados a olho nu, mas também podem crescer tanto a ponto de formarem estruturas macroscópicas. Uma estrutura muito conhecida, pertencente aos fungos do filo Basidiomycota, é o cogumelo, nome popular dado à parte responsável pela reprodução sexuada desses fungos.
- 30 Em uma cena da série, vemos um infectado no chão (repleto de cogumelos e outras estruturas de fungos ao seu redor) transmitir uma informação para um grande grupo de infectados que estava muito distante dali. Isso foi possível porque o Cordyceps forma uma enorme rede que se estende por vários quilômetros por baixo da terra e é capaz de transmitir informações, como a presença de humanos saudáveis (hospedeiros) em determinado local.
- 35 Por mais fantasioso que isso possa parecer, os fungos, de fato, têm essa capacidade. Por meio de suas longas redes de hifas, eles conseguem transmitir nutrientes e informações. Em algumas florestas, essa rede de fungos funciona quase como uma internet, transmitindo informações entre vários pontos e permitindo que as árvores associadas a esses fungos capturem nutrientes de lugares variados.

- 40 **Devemos temer os fungos?**

Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que os fungos trazem muitos benefícios para nós. Eles atuam no processo químico conhecido como fermentação, que nos permite produzir alimentos como pão, cerveja, vinho e queijo; ajudam a decompor a matéria no solo e fornecer nutrientes

45 para as plantas; são usados na nossa alimentação; e auxiliam na produção de medicamentos, incluindo antibióticos. A penicilina, por exemplo, que foi um medicamento de extrema importância para a humanidade, é uma toxina com poder antibiótico produzida por fungo.

Embora grande parte dos fungos seja inofensiva para nós, existem aqueles que nos fazem mal. As doenças fúngicas mais letais costumam ocorrer apenas em pessoas com imunidade bastante comprometida e são pouco transmissíveis. Mesmo assim, são responsáveis pela morte de milhões de pessoas anualmente.

Os fungos também podem ser transportados até alimentos, pelo ar, água ou animais, e se desenvolver, formando mofo, bolores. Ingerir alimentos com sinais visíveis de uma colônia de fungos pode ser perigoso. E não adianta retirar apenas a parte com o mofo visível, pois todo o alimento fica comprometido.

### 55 O risco de uma epidemia é real?

No primeiro episódio da série, dois epidemiologistas são entrevistados em um programa de tevê no ano de 1968 e um deles expressa seu temor quanto a uma epidemia de fungos. Sob risos da plateia e do apresentador, o cientista temeroso explica que alguns fungos devoram seus hospedeiros, mas sem deixá-los morrer, e controlam suas vítimas de modo a se espalharem para novos hospedeiros.

O cientista entrevistado na série continua argumentando que, embora um fungo como o *Cordyceps* não seja capaz de sobreviver ao calor do corpo humano, um aquecimento do planeta poderia fazer com que esses seres se adaptassem a ambientes mais quentes e, assim, conseguissem sobreviver no nosso organismo – o que de fato aconteceu na série, apesar de não ficar explícito se o aquecimento global foi mesmo a causa principal.

Após o lançamento de *The last of us*, muitos especialistas se manifestaram dizendo que não precisamos temer uma epidemia fúngica hoje, que isso está bem mais distante de acontecer do que outras epidemias, causadas por vírus ou bactérias. Quanto ao *Cordyceps*, podemos ficar tranquilos, pois é improvável que um dia consiga nos infectar, além de ser praticamente impossível que seja capaz de controlar algo tão complexo quanto o cérebro humano. Mas é fato que os fungos vêm se tornando um problema cada vez maior e o aquecimento global pode, com o tempo, transformá-los em uma ameaça mais expressiva à nossa saúde.

Podemos concluir que não há necessidade de pânico com relação a esses seres que sempre conviveram conosco. Entretanto, se as nossas preocupações com as doenças fúngicas se converterem em ações concretas para combater as mudanças climáticas e melhorar nossa higiene e imunidade, então é óbvio que elas são muito bem-vindas.

LUCAS MASCARENHAS DE MIRANDA  
MATEUS SANTANA RIBEIRO

Adaptado de *Revista Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, n. 396, março/2023.

## Questão 01

A estratégia adotada pelos autores para despertar o interesse do público leigo para o tema do artigo foi referir-se a:

- (A) uma série de televisão
- (B) um atributo dos fungos
- (C) um efeito do aquecimento
- (D) uma plataforma de *streaming*

## Questão 02

Os três parágrafos iniciais pertencem às tipologias textuais denominadas:

- (A) injuntiva – narrativa
- (B) narrativa – descritiva
- (C) dissertativa – injuntiva
- (D) descritiva – dissertativa

## Questão 03

Três perguntas são utilizadas como subtítulos de seções do texto.

Novos subtítulos, que podem substituir essas perguntas, são, respectivamente:

- (A) do jogo ao *streaming* – do invisível ao visível – do mofo à morte
- (B) definição do fenômeno – benefícios e malefícios – ficção e realidade
- (C) descrição do problema – toxinas e antibióticos – aquecimento e controle
- (D) do cogumelo ao Cordyceps – do alimento à penicilina – do pânico à catástrofe

## Questão 04

**belíssimo e assustador cenário pós-apocalíptico** (l. 3-4)

No contexto, o trecho configura a seguinte figura de linguagem:

- (A) antítese
- (B) metonímia
- (C) eufemismo
- (D) personificação

## Questão 05

O auxiliar **poder** expressa modalidade deôntica em:

- (A) Os fungos podem ser pequenos e impossíveis de serem observados a olho nu, (l. 26-27)
- (B) Por mais fantasioso que isso possa parecer, (l. 35)
- (C) Os fungos também podem ser transportados até alimentos, (l. 51)
- (D) Quanto ao Cordyceps, podemos ficar tranquilos, (l. 68-69)

## Questão 06

A expressão sublinhada que representa uma alternativa ao emprego do modo imperativo é:

- (A) os fungos, de fato, têm essa capacidade. (l. 35)
- (B) Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que os fungos trazem muitos benefícios para nós. (l. 41)
- (C) é improvável que um dia consiga nos infectar, (l. 69)
- (D) Podemos concluir que não há necessidade de pânico com relação a esses seres (l. 73)

## Questão 07

*Isso foi possível porque o Cordyceps forma uma enorme rede que se estende por vários quilômetros por baixo da terra e é capaz de transmitir informações, como a presença de humanos saudáveis (hospedeiros) em determinado local. (l. 32-34)*

No trecho, a expressão **uma enorme rede** é referenciada duas vezes por meio de estratégias distintas.

Essas estratégias são, respectivamente, a coesão por:

- (A) uso de pronome – elipse
- (B) elipse – uso de outro item lexical
- (C) repetição dos termos – uso de pronome
- (D) uso de outro item lexical – repetição dos termos

## Questão 08

O referente de **esses seres** (l. 63) é:

- (A) fungos
- (B) alimentos
- (C) hospedeiros
- (D) epidemiologistas

## Questão 09

*especialistas se manifestaram dizendo que não precisamos temer uma epidemia fúngica hoje, **que** isso está bem mais distante de acontecer (l. 66-67)*

A conjunção **que** sublinhada no trecho acima tem o mesmo valor semântico do conectivo destacado em:

- (A) A história nos apresenta um fungo capaz de infectar pessoas e deixá-las perigosamente agressivas. (l. 6-7)
- (B) também podem crescer tanto a ponto de formarem estruturas macroscópicas. (l. 27)
- (C) Embora grande parte dos fungos seja inofensiva para nós, existem aqueles que nos fazem mal. (l. 47-48)
- (D) E não adianta retirar apenas a parte com o mofo visível, pois todo o alimento fica comprometido. (l. 53-54)

## Questão 10

Além de minimizar os receios gerados pela série, os autores expressam o ponto de vista de que tais receios podem vir a ter consequências positivas.

No último parágrafo, esse ponto de vista é expresso por meio do seguinte recurso:

- (A) comparação
- (B) exemplificação
- (C) condicionalidade
- (D) intertextualidade



**PARTE 2**

**QUESTÕES ESPECÍFICAS**

## Nomes e pronomes na Língua Portuguesa: a questão sexista no idioma e na academia

### Os sobrenomes das autoras as reconhecem/identificam como mulheres?

A história ocidental nos conta que as primeiras mulheres a escreverem textos literários e que queriam ter seus livros lidos eram obrigadas a usar pseudônimos masculinos para fugir ao preconceito de que mulher não devia, nem era capaz de escrever. Nomes de grandes escritores europeus como George Eliot (Inglaterra) e Georg Sand (França) são exemplos desta situação. Ambos eram pseudônimos de escritoras notáveis, a inglesa Mary Ann Evans e a francesa Amantine Dupin, mas que só tiveram sucesso porque não assinaram seus nomes reais.

Estes casos, ocorridos até o século XIX, são discutidos por Virgínia Woolf (2014) em seu livro *Um teto todo seu* quando lembra escritoras que abriram caminho para que a literatura escrita por mulheres entrasse na história. Woolf (2014, p. 62) sugere que elas sempre escreveram, mas não tiveram seus nomes relacionados às suas obras: “Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher”. A ironia presente no texto é usada para nos lembrar da luta das mulheres por reconhecimento e autorização em um mundo onde as decisões eram e são masculinas.

O texto de Virgínia Woolf foi escrito em 1928 e era base de uma palestra a estudantes universitárias quando foi convidada a tratar do tema Mulheres e Ficção, mas ela acabou decidindo por chamar atenção para uma questão que achou fundamental naquele momento: “Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (2014, p. 10). Ela agradece à sua tia Mary Beton, que lhe deixou uma herança de 500 libras anuais até o fim da vida, o que lhe permitiu escrever o que e como quisesse, assinando seu próprio nome: “Comida, casa e roupas são minhas para sempre” (2014, p. 47).

A noção de pessoa privilegiada, discutida por Woolf nos textos, demonstra que, para além de uma casa, há necessidade de permissão para ocupar determinados lugares, sejam físicos ou na sociedade. Desde que as mulheres conquistaram esta “permissão” social de assinar os textos por elas escritos, bem como o de ocupar postos nas universidades, uma das formas de reconhecer uma autora é por meio de seu nome.

As normas acadêmicas de publicação, em sua maioria, organizam os créditos das publicações pelo sobrenome. Tanto ABNT, quanto Harvard, AVA, APA, além de normas específicas de universidades, a serem seguidas em dissertações e teses e publicadas em seus repositórios, buscam no sobrenome a forma de creditar autores e autoras. Este ensaio quer discutir o que esta prática significa e de que maneira é possível visibilizar textos de autoras.

É fato que as mulheres são menos citadas em publicações acadêmicas, em reportagens de jornalismo e em documentos públicos. Regina Dalcastagné (2012) afirma que a maioria dos autores brasileiros são homens brancos, de classe média, professores ou jornalistas. Ela aponta que as mulheres são menos publicadas que os homens; porém, afirma que “não é possível dizer se as mulheres escrevem menos ou se têm menos facilidade para publicar nas editoras mais prestigiosas (ou ambos)” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 31).

[...]

40 Para além de serem menos publicadas pelos veículos de comunicação, pela academia e pelas editoras, ainda há a questão de serem menos reconhecidas, uma vez que seus nomes não as creditam como mulheres, quando apresentadas apenas pelo sobrenome e por suas iniciais. O leitor de uma publicação pode não saber se algum dos sobrenomes listados nas referências bibliográficas finais é de uma autora. Ao ler, por exemplo, QUADROS, S. ou MOREIRA, M., não há como saber a qual gênero pertence quem escreveu o texto. Porém, numa

45 cultura onde o homem historicamente produz e publica mais, é comum que os sobrenomes sejam ligados a pesquisadores, e não a pesquisadoras. Alterar o modo como as mulheres são creditadas em trabalhos científicos é urgente.

Como a Língua Portuguesa determina que o gênero gramatical masculino se sobreponha ao feminino no caso de plurais e pronomes, e em um cenário onde a maioria dos autores publicados é de homens, a pergunta que surge é: a impressão do leitor pode ser a de que todos os sobrenomes remetam a autores masculinos? Outra questão a ser objeto de reflexão é: a valorização do masculino, ao longo da história, pode refletir na academia quando os nomes das mulheres não são assinados?

O método encontrado para buscar as reflexões aqui propostas foi o ensaio teórico, de natureza científica, a partir da revisão da literatura acadêmica, mas sem ser apenas um trabalho de estado da arte. A intenção do ensaio teórico é, a partir do caráter dissertativo, defender um ponto de vista ou uma ideia de certa forma nova, sem a pretensão de encerrar o assunto, como afirmam Sandro Soares, Icaro Picolli e Jacir Casagrande (2018, p. 331):

60 O ensaísta necessita ter competências para expor e defender ideias; razoabilidade para tratar a dialética necessária à discussão; bom senso e autocontrole para não se deixar levar por motivos apaixonados e de caráter emocional.

Neste trabalho, tem-se como objetivo principal: refletir acerca das publicações que tratam da forma como a Língua Portuguesa se relaciona com questões de gênero e sexo, tendo como tese o fato de que o idioma, sendo machista, em sua forma, pode prejudicar a

65 visibilidade das autoras. Outra intenção é trazer uma proposta de citação que seja mais inclusiva para as mulheres, dando-lhes visibilidade nas publicações acadêmicas, levando em conta pesquisadoras que já iniciaram esse movimento.

[...]

### Existe preconceito de gênero na Língua Portuguesa?

É comum ouvir de mulheres militantes, ao conversarem com plateias, o seguinte cumprimento:

70 “Boa noite a todas e a todos!”; “Bom dia, alunas e alunos!”. Estas formas de comunicação surgiram para dar conta de algo que a Língua Portuguesa (e outras línguas oriundas do Latim) tem como característica, que é o uso do gênero masculino no plural: alunos e alunas viram alunos, por exemplo.

Grada Kilomba (2019), teórica do feminismo negro, nascida em Lisboa, contribui com essa discussão pela reflexão que traz acerca da flexão dos pronomes da Língua Portuguesa no gênero feminino e masculino; por isso, recorreremos a ela em diversos momentos deste artigo para tratar do que chama de preconceito do idioma.

[...]

Em uma primeira abordagem, parecia que, ao utilizar substantivos, pronomes e adjetivos nos gêneros masculino e feminino, estaríamos evoluindo em direção a uma valorização do

80 feminino. No entanto, em idiomas em que o gênero é neutro, isso é desnecessário. A leitura

de *Memórias da plantação* permitiu perceber que Kilomba (2019) também passou por essa reflexão quando decidiu traduzir sua tese, escrita em inglês. Ao traduzir o texto para a Língua Portuguesa, ela optou por inserir uma introdução que explicasse as especificidades com relação à flexão de gênero.

85 Escrevo esta Introdução, inexistente na versão original inglesa, precisamente por causa da língua: por um lado, porque me parece obrigatório esclarecer o significado de uma série de terminologias que, quando escritas em português, revelam uma profunda falta de reflexão e teorização da história e herança coloniais e patriarcais, tão presentes na língua portuguesa (KILOMBA, 2019, p. 14).

90 A herança patriarcal e o machismo no idioma fizeram parte de uma discussão bastante acirrada quando a primeira mulher foi eleita para assumir a Presidência da República, em 2010, no Brasil. Era correto utilizar presidenta Dilma Rousseff ou o substantivo presidente não permite variação, por ser comum aos dois gêneros? Apesar do posicionamento de Dilma, sobre querer ser chamada de presidenta, houve divergência entre especialistas com relação  
95 ao uso da palavra no gênero feminino, e muitos textos foram escritos para discutir se a Língua Portuguesa seria machista e qual seria a dimensão política de um idioma.

[...]

Guilherme Mäder (2015) explica que um dos argumentos usados para justificar o uso do masculino genérico na Língua Portuguesa seria a falta de um gênero neutro. Entretanto, refuta esta explicação, citando o exemplo do Latim, em que, mesmo possuindo um gênero  
100 neutro (além do feminino e do masculino), “era corrente a construção denominada masculino genérico, pois o masculino era o gênero gramatical empregado para denotar o gênero humano como um todo” (MÄDER, 2015, p. 73).

Outro ponto a ser destacado na pesquisa de Mäder (2015, p. 97-98) é a discussão da utilização do gênero masculino em outros sistemas semióticos. No caso dos sinais de  
105 pedestres, a imagem escolhida é, geralmente, a de um homem.

[...]

### Como pensar numa saída para visibilizar autoras?

Os posicionamentos de pesquisadoras como Grada Kilomba, Marcia Tiburi, Adriana Baggio e tantas outras que acreditam na necessidade da valorização da autoria feminina, bem como de sua descrição a partir de nomes, prenomes e pronomes de mulheres, podem iniciar uma  
110 pequena transformação nas normas que regem a escritura de artigos científicos, dissertações e teses. Se não trouxerem uma transformação, ao menos, propõem uma discussão acerca do crédito das autoras o qual, no futuro, certamente trará transformações.

[...]

Esta *Revista Estudos Feministas* (REF, 2020) traz em suas normas para publicação a exigência de que as autoras sejam citadas com seu nome na primeira vez que forem apresentadas no  
115 texto e, da mesma forma, na lista das referências. Esta é uma forma de valorizar as autoras e mostrar quem são as mulheres referenciadas nas publicações para buscar dar visibilidade ao lugar das mulheres nos textos acadêmicos.

[...]

SANDRA NODARI  
Adaptado de *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 3, 2021.

### Questão 11

O propósito do ensaio de Sandra Nodari é:

- (A) traçar perfil das autoras brasileiras
- (B) apresentar histórico das publicações femininas
- (C) promover valorização da produção intelectual de mulheres
- (D) evidenciar produtividade do currículo acadêmico de pesquisadoras

### Questão 12

A questão discutida no ensaio decorre de uma propriedade comum a nomes e pronomes. Essa propriedade está relacionada à possibilidade de variação da categoria gramatical de:

- (A) grau
- (B) pessoa
- (C) gênero
- (D) número

### Questão 13

Tanto o texto da parte I quanto o da parte II se caracterizam pela utilização de recursos típicos do discurso acadêmico.

Um desses recursos, presente apenas no segundo texto, é:

- (A) citação
- (B) paráfrase
- (C) modalização
- (D) metalinguagem

### Questão 14

**A história ocidental nos conta que as primeiras mulheres a escreverem textos literários e que queriam ter seus livros lidos eram obrigadas a usar pseudônimos masculinos para fugir ao preconceito de que mulher não devia, nem era capaz de escrever.** (l. 2-4)

No trecho, o tempo da forma verbal sublinhada produz o seguinte efeito de sentido:

- (A) marcar futuro próximo
- (B) indicar ação permanente
- (C) enunciar fato simultâneo ao momento da fala
- (D) presentificar acontecimento ocorrido no passado

### Questão 15

"Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher". (ℓ. 12-13)

Sandra Nodari reconhece que a frase da escritora Virgínia Woolf é irônica.

Considerando o contexto, a ironia é acentuada porque o termo **anônimo** apresenta a seguinte característica:

- (A) sugere plágio intelectual
- (B) confirma traço de criatividade
- (C) indica substantivo masculino
- (D) revela desconhecimento de autoria

### Questão 16

A autora aponta uma diferença entre o **ensaio teórico** e o que chama de **trabalho de estado da arte** (ℓ. 54-56).

O primeiro gênero textual difere do segundo no seguinte aspecto:

- (A) limitação do tema
- (B) contribuição teórica
- (C) pertinência do objetivo
- (D) originalidade argumentativa

### Questão 17

Observa-se paralelismo gramatical, representado por uma sequência de estruturas de mesmo valor sintático, no trecho transcrito em:

- (A) a valorização do masculino, ao longo da história, pode refletir na academia quando os nomes das mulheres não são assinados? (ℓ. 51-53)
- (B) O ensaísta necessita ter competências para expor e defender ideias; razoabilidade para tratar a dialética necessária à discussão; bom senso e autocontrole para não se deixar levar por motivos apaixonados e de caráter emocional. (ℓ. 59-61)
- (C) Grada Kilomba (2019), teórica do feminismo negro, nascida em Lisboa, contribui com essa discussão pela reflexão que traz acerca da flexão dos pronomes da Língua Portuguesa no gênero feminino e masculino; (ℓ. 74-76)
- (D) Esta *Revista de Estudos Feministas* (REF, 2020) traz em suas normas para publicação a exigência de que as autoras sejam citadas com seu nome na primeira vez que forem apresentadas no texto (ℓ. 113-115)

UTILIZE O FRAGMENTO A SEGUIR PARA RESPONDER ÀS QUESTÕES 18 A 20.

Guilherme Mäder (2015) explica que um dos argumentos usados para justificar o uso do masculino genérico na Língua Portuguesa seria a falta de um gênero neutro. Entretanto, refuta esta explicação, citando o exemplo do Latim, em que, mesmo possuindo um gênero neutro (além do feminino e do masculino), “era corrente a construção denominada masculino genérico, pois o masculino era o gênero gramatical empregado para denotar o gênero humano como um todo” (MÄDER, 2015, p. 73). (ℓ. 97-102)

### Questão 18

O trecho sublinhado acima expressa valor semântico correspondente ao do substantivo destacado em:

- (A) A noção de pessoa privilegiada, discutida por Woolf nos textos, (ℓ. 24)
- (B) Outra questão a ser objeto de reflexão é: (ℓ. 51-52)
- (C) A intenção do ensaio teórico é, a partir do caráter dissertativo, defender um ponto de vista (ℓ. 56-57)
- (D) Se não trouxerem uma transformação, ao menos, propõem uma discussão (ℓ. III)

### Questão 19

No fragmento citado, o futuro do pretérito foi empregado com o seguinte propósito:

- (A) indicar polidez
- (B) denotar adesão
- (C) estabelecer condição
- (D) expressar distanciamento

### Questão 20

Ao inserir a voz de Mäder na segunda seção do ensaio, a autora tem por objetivo:

- (A) exemplificar conceito
- (B) esclarecer afirmação
- (C) introduzir contextualização
- (D) fundamentar posicionamento

